



Quando a história fala e o educador escuta: uma imersão na cidade de Goiás

**Cuando la historia habla y el educador escucha: una inmersión en la ciudad de
Goiás.**

Lucianne Alves Bicalho Santana¹
<https://orcid.org/0009-0000-5556-3183>

Data de submissão: 27/04/2026

Data de aceite: 22/05/2026

Resumo

A experiência vivida, durante uma disciplina imersiva na cidade de Goiás, teve por objetivo refletir sobre os temas da história e filosofia do ensino de educação e ciências, aproximando teoria e prática por meio da vivência histórica. O contexto histórico da cidade, marcada por memórias coloniais e pela resistência cultural, serviu de cenário para discutir o papel da educação na formação crítica do sujeito e na construção de saberes significativos. Nessa perspectiva, o foco recaiu sobre a contextualização do desenvolvimento do ensino de ciências e matemática do Brasil a partir das práticas educacionais do século XIX e do século XX. Buscamos identificar os principais problemas enfrentados nas últimas décadas do século XX e analisar seus impactos e tendências no processo de ensino-aprendizagem nessas áreas, bem como na formação de professoras(es). Os resultados evidenciaram que o contato direto com o patrimônio histórico e cultural possibilitou uma nova interpretação sobre nosso papel como educadores e sobre nossa própria trajetória de vida, ampliando a compreensão de que ensinar também envolve compreender a história de cada aluno, seu território e suas origens. A disciplina imersiva ampliou minha visão sobre o que significa ensinar, fazendo-me perceber que educar é também reconhecer a nossa própria história e usá-la como ponto de partida para o conhecimento. A experiência evidenciou que a formação docente precisa ir além da técnica, aproximando-se da vivência, da escuta e do contexto sociopolítico. Sugere-se que futuras práticas formativas mantenham esse caráter imersivo

¹ Universidade Federal de Uberlândia. Mestranda no Programa de Pós-graduação em ensino de Ciências e Matemática, UFU. lucianne.bicalho@ufu.br





e reflexivo, fortalecendo o compromisso ético, histórico e humano do ato de educar.

Palavras-chave: História. Ciências. Matemática. Aprendizagem significativas.

Resumen.

La enriquecedora experiencia, vivida durante un curso intensivo en la ciudad de Goiás, buscó reflexionar sobre la historia y la filosofía de la educación y la enseñanza de las ciencias, tendiendo puentes entre teoría y práctica a través de la experiencia histórica. El contexto histórico de la ciudad, marcado por la memoria colonial y la resistencia cultural, sirvió de telón de fondo para analizar el papel de la educación en la formación crítica del individuo y en la construcción de un conocimiento significativo. Desde esta perspectiva, el enfoque se centra en contextualizar el desarrollo de la enseñanza de las ciencias y las matemáticas en Brasil, a partir de las prácticas educativas de los siglos XIX y XX. Se buscó identificar los principales problemas que se enfrentaron en las últimas décadas del siglo XX y analizar sus impactos y tendencias en el proceso de enseñanza-aprendizaje en estas áreas, así como en la formación docente. Los resultados mostraron que el contacto directo con el patrimonio histórico y cultural permitió una nueva interpretación de nuestro rol como educadores y de nuestra propia trayectoria vital, ampliando la comprensión de que la enseñanza también implica comprender la historia de cada estudiante, su territorio y sus orígenes. La disciplina inmersiva amplió mi visión de lo que significa enseñar, haciéndome comprender que educar también implica considerar nuestra propia historia y utilizarla como punto de partida para el conocimiento. La experiencia demuestra que la formación docente debe ir más allá de la técnica, abordando la experiencia vivida, la escucha activa y el contexto sociopolítico. Se sugiere que las futuras prácticas formativas mantengan este carácter inmersivo y reflexivo, fortaleciendo el compromiso ético, histórico y humano del acto de educar.

Palabras clave: Historia. Ciencias. Matemáticas. Aprendizaje significativo.

Introdução

O presente relato tem por objetivo apresentar uma experiência vivenciada, durante os dias 12 a 16 de outubro de 2025, como parte de um trabalho da disciplina Tópicos da História e Filosofia da Ciências e da Matemática. A imersão ocorreu na Cidade de Goiás Velho², antiga capital do estado de Goiás, reconhecida como

² A Cidade de Goiás, chamada também de Goiás Velho, foi a primeira capital do estado de Goiás e foi reconhecida como Patrimônio Mundial pela UNESCO em 2001. As ruas de pedra, os prédios coloniais e



Patrimônio Mundial pela UNESCO³, por seu valor histórico e cultural. A cidade, com suas ruas de pedra, casarões coloniais e igrejas seculares, foi o cenário de uma experiência educativa que transcendeu o espaço da sala de aula.

O objetivo da atividade foi o de oferecer uma experiência real e sensível, mostrando que o espaço histórico pode contribuir para a reflexão crítica sobre a formação de professores ou que tenha o papel de educador. Também promoveu um encontro com nossa herança e origens, destacando a importância desses aspectos na criação de práticas de ensino mais conscientes e ligadas ao contexto.

Foi uma imersão na Cidade de Goiás que envolveu professores, acadêmicos e estudantes da educação. A metodologia adotada incluiu atividades de observação, aulas dialogadas, visitas guiadas a espaços históricos e momentos de reflexão individual e coletiva. As vivências foram registradas e discutidas em grupo, promovendo um processo ativo de escuta, análise e reconstrução conceitual.

Buscou-se ligar o conhecimento histórico com a educação e o ensino de ciências e matemática, entendendo essas áreas como formas de expressão das práticas humanas que refletem situações políticas, sociais e culturais. Assim, o foco principal foi mostrar que ensinar vai além de passar conteúdos: é uma ação profundamente ligada à história, à filosofia e às vivências de quem ensina e aprende.

A experiência fundamentou-se em diferentes referenciais teóricos que contribuíram para a compreensão crítica da educação. Em Faoro (1994), reconheceu-se a influência das estruturas políticas e sociais no sistema educacional brasileiro. Em Foucault (1987), foi possível refletir sobre como o poder opera nos processos de controle e organização das sociedades modernas. Já em Ausubel (2000), destacou-se a relevância das aprendizagens significativas, que se constroem ao conectar o novo conhecimento às experiências prévias dos sujeitos. Tudo o que vivenciamos e construímos durante a disciplina por imersão não se compara ao que aprenderíamos apenas lendo livros e

as paisagens naturais bem preservadas mostram um lugar onde o passado e o presente se encontram. Ali, além da arquitetura histórica, podemos ver as memórias e as lutas dos grupos que viveram e continuam vivendo na região.

³ A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) tem o papel de reconhecer e proteger lugares com cultura e natureza muito importantes para o mundo. Em 2001, a cidade de Goiás foi incluída na lista do Patrimônio Mundial por conta de sua história, sua formação urbana e sua importância no contexto da colonização portuguesa no Brasil.



artigos. A experiência nos ensinou o que nenhuma leitura poderia traduzir: o sentir, o observar, o compreender com o corpo presente. Foi ali, no contato com o lugar, com as pessoas e com a história viva, que o conhecimento se tornou real e significativo.

Atividades realizadas

A árvore flamboyant, com suas flores e cores vibrantes, é muito mais do que um espetáculo da natureza. Em suas raízes, ela carrega uma história profunda e simbólica. Trazida da África, assim como tantos que foram forçados a atravessar o oceano, o flamboyant floresce hoje testemunhando silenciosamente essa travessia dolorosa. A ciência da natureza nos ensina como uma espécie pode se adaptar a diferentes ambientes, mas a história por trás dessa adaptação revela marcas de resistência, dor e renascimento. Os nossos antepassados deixaram no cerrado a semente da cultura e esperança. A matemática se desenha na simetria das flores e em sua geometria natural, que ilumina os olhos e desperta a curiosidade. Entre cálculos e diversas formas de mensurar, é possível medir o tempo, mas não o trabalho ali contido. Essa árvore, mais do que um elemento da paisagem, representa uma soma de histórias, emoções e saberes enraizados.

Figura 1 – Árvore de Flamboyant na Cidade de Goiás



Fonte: Autora, 2025.

Não poderia começar o desenvolvimento sem esse texto e essa imagem que tanto me marcou. Aqui, nesse espaço, irei descrever cada atividade e que marcas em mim ficou.

Os dias na Cidade de Goiás foram uma experiência para além das aulas convencionais. O ensino de Ciências e Matemática foi vivido em meio às ruas antigas, às praças e ao silêncio das igrejas coloniais, onde o tempo parecia expandir para acolher o aprendizado. Cada caminhada pela cidade transformava-se em um exercício de observação e descoberta, enquanto cada conversa entre colegas se transformava numa oportunidade de construir conhecimento coletivo.

As reflexões de Rosa Maria Bueno Fischer (2001) colaboram na compreensão do potencial da imersão, ao afirmar que o conhecimento em educação nasce também da experiência sensível e narrativa. A autora escreve:

A escrita sensível não é apenas uma forma de expressão subjetiva, mas uma maneira de construir conhecimento. Ela reconhece que o saber não se separa da vida, do corpo, do tempo vivido e das relações que o produzem. O conhecimento, nesse sentido, é também gesto, escuta e presença; é o



movimento de transformar o vivido em palavra e reflexão. (Fischer, 2001, p. 56).

Nessa perspectiva, a vivência na Cidade de Goiás teve um exercício de escuta e de presença. O conhecimento científico e matemático deixou de ser visto apenas como conteúdo a ser ensinado provocando transformações em nosso corpo, ocorrendo um entreteçamento em nossos afetos e percepções. Assim, o saber se fez corpo, território, tal como propõe Fischer (2001), quando convida o educador a compreender o ensino como espaço de encontro entre razão e afeto.

Pergunto-me: de que forma posso relacionar a imersão na cidade histórica com o ensino de Ciências e Matemática? Percebo, então, que a questão não está apenas no ensino de Ciências ou Matemática, mas na maneira de levarmos esses conhecimentos para a sala de aula. Reconhecer a história, a raiz e a ancestralidade como partes constitutivas do processo educativo significa compreender que o saber escolar não se limita a conteúdos: ele envolve identidade, memória e, sobretudo, pertencimento.

No primeiro dia, após um café com prosa, desenvolvemos nossa primeira atividade, uma caminhada sozinhos pela cidade, que nos permitia não só conhecer a história local, mas nos conectarmos conosco mesmos e refletir o atual cenário da educação em nosso país.

Em um segundo passeio, visitamos o Colégio Sant'Ana, um lugar carregado de história. Foi possível compreender mais de perto como a trajetória da educação no Brasil foi sendo construída. Ao andar pelos corredores, é possível se questionar: os territórios onde se travam lutas simbólicas, sociais e políticas são retratos do ontem e do hoje? Esses locais nos colocam de frente para os desafios enfrentados na educação, que é: a falta de verbas, a dificuldade em implementar políticas inclusivas de fato e o afastamento de estudantes que, muitas vezes, não se sentem pertencentes à escola, como é o caso de muitos alunos de aldeias indígenas e negros. A educação, historicamente, tem sido um espaço marcado pela presença hegemônica do povo branco, o que contribui para o não pertencimento de outros grupos.

Mais tarde, um passeio pelo Quartel do XX⁴. Aqui estivemos permeados pelas

⁴ O Quartel do XX é um edifício de arquitetura militar situado na Praça do Chafariz, no Centro Histórico da Cidade de Goiás. Sua origem remonta a 1747, com a construção de um primeiro quartel



reflexões de Michel Foucault (1987). Uma aula ao ar livre, na qual o professor nos ensinava, em um lugar cheio de histórias, que o panoptismo simboliza a transformação das sociedades modernas em sociedades de controle, nas quais o poder não é apenas imposto de fora, mas internalizado pelos sujeitos. Refletimos que o olhar vigilante do poder torna-se permanente e invisível e que o saber se articula ao poder na produção de sujeitos. A escola, por exemplo, torna-se uma das instituições panópticas modernas, ao observar, registrar e classificar comportamentos, transformando o ato de educar em um dispositivo de poder e saber.

O Panoptismo é o princípio geral de uma nova ‘anatomia política’, cujo objeto e fim não são as relações de soberania, mas as relações de disciplina. É o diagrama de um mecanismo de poder reduzido à sua forma ideal: um poder que se exerce de maneira contínua, no qual o saber e o controle se tornam indissociáveis. (Foucault, 1987, p. 187)

Ainda no primeiro dia, ao anoitecer, estávamos em um lugar calmo, gramado, com cheirinho de terra. Todos sentados sobre cobertas, olhando as estrelas. A calmaria da cidade, aquelas luzes amarelas que tudo iluminavam. Era um lugar de consciência, de choro, de reflexão e de promessas.

Ali, o professor Welson nos contou um pouco da sua trajetória e de uma promessa que fizera aos seus alunos da educação básica. Ele amava contribuir com a formação dos jovens! Mas percebeu que seu legado poderia ser ainda maior: decidiu formar mestres. Com a fala emocionada, nos contou que havia deixado o chão da escola pública, da educação básica, para contribuir de outra forma — formar novos discípulos. Creio que, naquele momento, todos ficamos comovidos com sua história.

Sentimos, então, um enorme desejo no coração de nos dedicarmos ao máximo à educação, a esse mestrado, para que um dia sejamos os mestres que ele prometeu formar. Afinal, esse é o nosso chamado: levar nossos alunos a lugares mais altos e nos dedicarmos todos os dias àquilo em que acreditamos.

Partindo para o segundo dia, nossa primeira parada foi nas Raizeiras de Goiás. Que história! Que conexão profunda com o nosso passado! Em seguida, visitamos o

em dimensões reduzidas. A estrutura atual provavelmente foi erguida entre 1751 e 1763, com acréscimo de varandas internas no final do século XIX. Restaurado pelo IPHAN em 1983, o edifício mantém suas características originais, como as paredes de taipa, telhado de telhas de barro canal e uma entrada com pavimento superior em forma de pequena torre.



Museu Casa de Cora Coralina⁵. Quantas histórias Cora nos conta, que memórias ela deixou naquele lugar, naquela cidade. Algumas são bastante ousadas, mas só conhecendo a Cidade de Goiás da forma como nós conhecemos é possível entender o peso e a beleza dessas histórias.

Mais à tarde, estivemos no Palácio Conde dos Arcos, construído em meados de 1700, o edifício funcionou como sede do governo do Estado de Goiás quando a cidade ainda era a capital. Lá conhecemos Seu José, uma pessoa maravilhosa que ficará guardada para sempre em nossas memórias. Ele nos contou sobre a história do palácio e também compartilhou um pouco mais das vivências e curiosidades daquele lugar.

Iniciamos o terceiro dia com uma visita à Comunidade Quilombola, onde as primeiras casas foram construídas cerca de oito ou nove anos após a abolição da escravidão. Uma moradora nos recebeu calorosamente e tirou todas as dúvidas que tínhamos. Esse momento me levou a uma profunda reflexão sobre a sociedade e a realidade em que estamos inseridos. Ainda na comunidade, conhecemos uma senhora cuja fala nos emocionou: ela nos ensinou, com sua sabedoria, sobre resistência, força, esperança e resiliência. Afinal, a educação também precisa disso — desse movimento contínuo, cotidiano e transformador.

Na parte da tarde, fizemos um passeio de carro pela cidade e visitamos o Bacalhau, lugar onde toda a história local se inicia. É um local lindo, acolhedor, com casinhas perfeitas — mas que, por trás da beleza, carrega uma história marcada pela dor. Dor de um passado que, infelizmente, ainda ecoa nos dias de hoje. Passamos também pelo hospital, que antes funcionava como a antiga Casa de Misericórdia, lugar onde as pessoas eram levadas para morrer. Foi um momento de tristeza e reflexão, mas que também nos fez valorizar os avanços da ciência e da medicina.

Figura 2 – Uma das ruas da Cidade de Goiás

⁵ Cora Coralina, conhecida por Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (1889–1985), poetisa e contista brasileira nascida na Cidade de Goiás. Viveu grande parte da vida longe dos círculos literários e só publicou seu primeiro livro aos 75 anos, sendo hoje considerada uma das grandes vozes da literatura brasileira.



Fonte: Autora, 2025.

O QUE VI E SENTI: O TEMPO, O SILÊNCIO E AS JANELAS DA MEMÓRIA

Na primeira atividade, ao iniciarmos, parei para refletir sobre o tempo. Permiti-me pensar, reavaliar ações e me conectar verdadeiramente com o lugar. Observei com calma, fiz pausas. Primeiro, veio o silêncio, não um silêncio total, mas preenchido pelos sons da natureza: o canto dos pássaros e o sussurro dos ventos. Aos poucos, minha mente começou a montar uma espécie de quebra-cabeças de memórias sobre o que eu jamais imaginei vivenciar.

A imaginação foi além. Analisei detalhes, tirei fotos, busquei registrar o que vi. Nem sempre as câmeras captam tudo, é necessário estar presente, de corpo e alma, para apreciar. Vi cores, vivências, convivências. Casas que guardavam histórias e provocavam questionamentos. Ao observar as fachadas, perguntei a mim mesma: por



que nos fechamos para o mundo? É urgente reaprender ver e sentir, a valorizar saberes que estão se desfragmentando com o sopro do tempo.

Pensei também nos relacionamentos. Em outros tempos, as pessoas conviviam mais. Hoje, se trancam em casa, com portões altos e cadeados pesados. Lembrei dos meus alunos, muitos com depressão, crises de ansiedade. Antes, as janelas se abriam, os vizinhos trocavam cumprimentos. Ali, pude perceber que o modo como vivemos se reflete na educação, no afeto, e na forma de nos relacionarmos com o outro e com o mundo.

Quem sabe essa imersão não seja um chamado para nos reabirmos à vida? Naquele momento, tomei uma decisão: transformarei essa disciplina em algo maior para a minha vida.

O que tenho feito? Enquanto professora, enquanto formadora, de que forma tenho trabalhado com as tradições? Foram essas as primeiras reflexões que surgiram sobre minhas práticas educativas. Acredite ou não, a própria cidade me trouxe algumas respostas, em forma de poemas espalhados pelas ruas. Existe um jeito certo de apreciar a história? Não. Cabe a nós permitir que o corpo leia o lugar.

O que enxergamos além da arquitetura? Observamos a região, o sagrado enraizado, as sacadas que se abrem para novas descobertas. É uma conexão com histórias, como a que ouvimos no Colégio Sant'Ana. O lugar foi construído para acolher os órfãos cujos pais morreram contaminados pelo Rio Vermelho durante a extração de ouro. A tristeza nos toca, mas também desperta o desejo de escrever uma nova história.

O ensino de Ciências está ali, basta olhar. Quantos conteúdos podemos trabalhar a partir da história local — e, mais ainda, como podemos trazer isso para o contexto das nossas cidades? As Ciências, a História e a Educação se entrelaçam nesse lugar tão especial. Hoje, o Colégio Sant'Ana é o *campus* da UFG, que acolhe pessoas, promove inclusão. A educação inclusiva está ali, naquela pequena cidade. É a educação em que acredito, pela qual luto diariamente.

Essa escola, que já foi lugar de dor, hoje ressignifica tudo isso. Atende a diversos alunos da graduação e atua com políticas de inclusão, possibilitando o acesso de povos indígenas da região ao ensino superior. No passado, o controle da elite sobre as instituições evidenciava a dificuldade do país em se constituir como uma nação

autônoma e democrática, o que se refletia na ausência de uma educação verdadeiramente popular. Nesse sentido, Faoro nos elucida:

O desenvolvimento não pode ser matéria de decretos, nem é assim que uma nação aprende de outra. Uma elite não pode, pela compulsão, pela ideologia, gerar a nação. (...) [fomos] uma obra de inversão. Tivera escolas superiores antes de ter alfabetismo. Tivera salões antes de ter educação popular. Tivera conceito exterior antes de ter consciência interna. (Faoro, 1994, p. 113)

Quem sou eu nessa história? O que faço nessa história? Cabe-nos fazer diferente. Afinal, estamos aqui justamente para aprender isso. Somos professores apaixonados pelo que fazemos. Com as raizeiras, por exemplo, não aprendemos apenas história — passamos a compreender o passado para entender o presente e ir além. Aprendemos sobre nossa própria história, nossa herança e entendemos que as raízes curam, o saber transforma.

Figura 5 – Laboratório Colégio Sant’Ana.



Fonte: Priscila Pires, 2025.

O ensino não é um ato passivo. Durante a imersão, fomos levados a selecionar quais conceitos prévios eram mais relevantes diante de cada novo desafio ou realidade. Isso exige um engajamento cognitivo profundo. É o que Ausubel (2000) descreve como



“ancoragem e ligação ao longo do tempo”. A imersão proporciona situações enriquecedoras que funcionam como âncoras significativas. Diferente de uma aula expositiva, a experiência prática vivida nesse contexto garante que o novo conhecimento se fixe de forma estável na estrutura cognitiva — e, assim, resista ao esquecimento.

De forma a indicar que a aprendizagem significativa envolve uma interação seletiva entre o novo material de aprendizagem e as ideias preexistentes na estrutura cognitiva, iremos empregar o termo ancoragem para sugerir a ligação com as ideias preexistentes ao longo do tempo. Por exemplo, no processo de subsunção, as ideias subordinantes preexistentes fornecem ancoragem à aprendizagem significativa de novas informações. (Ausubel, 2000, p. 19)

Ao final da disciplina, pudemos compreender que ela exige do professor uma transformação de seu papel, passando de mero transmissor de conteúdo a gestor da estrutura cognitiva do aluno. Consolidamos a compreensão de que o papel do educador transcende a simples entrega de informações. Aprendemos na prática que a aprendizagem significativa é um processo de ancoragem. Pessoalmente, esta vivência me fez compreender que a disciplina me exigiu adotar — e exigirá de mim como profissional — a postura de gestor da estrutura cognitiva do aluno, superando a mera transmissão de conteúdo.

Minha visão sobre a aprendizagem significativa foi profundamente transformada, saindo do campo puramente teórico para à vivência prática e, agora, é uma metodologia sentida. A imersão me fez perceber a potência das experiências complexas e ricas como as verdadeiras âncoras do conhecimento, confirmando que a retenção duradoura não se dá pela repetição, mas pela relevância e pela conexão não-arbitrária do novo saber com o meu mundo.

Considerações finais

Durante a imersão, pude conviver e estreitar laços com amigos que há um tempo dividem comigo esta jornada. São encontros que ficarão guardados na memória. Relações fundamentais não apenas para a formação acadêmica, mas para o crescimento humano.

Andando sozinha pela cidade, deparei-me com os sons da natureza, o calor do sol, o frescor do ar e os meus próprios pensamentos. Em alguns lapsos de tempo, veio à tona a urgência de me colocar como prioridade, mesmo que por breves instantes. Naquele se



perder, compreendi: este tempo é meu, em que eu possa dedicar à minha formação, ao ensino e com as minhas práticas.

Com os pensamentos borbulhando, comecei a me perguntar: que marcas essa experiência deixará? Senti-me conectada ao passado, um passado recente, essencial para entender quem sou hoje. Permitir-se viver novas experiências transforma o olhar. Reposiciona o corpo, o afeto e o sentido.

No turbilhão da rotina e das demandas cotidianas, esta pausa foi mais que necessária. Para além de revisitar metodologias educativas, ressignificar vínculos com a vida. Quem sou? Qual a minha herança? Quem são meus ancestrais? De onde venho? Essas perguntas ecoaram nos últimos dias, me levando a perceber o quanto, ao longo do tempo, fomos nos afastando de nossas raízes, ou seja, de quem somos.

A filosofia que atravessa os poemas de Cora Coralina não é apenas sentimento, é provocação, levando-nos a buscar mais sobre nós mesmos. Já as histórias das raizeiras, com suas ciências místicas, nos mostram que há saberes preciosos sendo esquecidos. E o que se aprende assim, com o corpo inteiro, não se apaga. A aprendizagem vivida é real, sensível e transmissível. Não fica só em mim. Deve atravessar a sala de aula, adentrar os currículos e fazer acontecer as políticas inclusivas que acredito: a educação que sonho.

Quero dar continuidade ao sonho de um professor que deixou a educação básica para formar novos mestres. Desejo ser esse mestre, aquele que seus netos merecem encontrar. Quero conduzir meus alunos aos lugares para onde fui levada, mesmo que seja apenas pelo poder da imaginação.

E onde entra o ensino de Ciências e Matemática nisso tudo?

Ele se transforma. Ganha novos significados quando ancorado em experiências concretas e sensíveis, como as vividas na Cidade de Goiás. Nesse território de memórias, a cidade torna-se um espaço vivo de aprendizagem, onde história, ciência, matemática e educação se entrelaçam e ganham sentido no corpo, no afeto e na experiência.

Explorando as estruturas coloniais, pudemos abordar conceitos de geometria, proporção e medidas. As pontes e igrejas históricas nos convidam a refletir sobre equilíbrio, resistência dos materiais e forças físicas. O Rio Vermelho, tão presente na



paisagem, permite o estudo dos ecossistemas, ciclos da água e preservação ambiental. Tudo se conecta.

Além disso, o contato com documentos, mapas e registros históricos ativa o raciocínio lógico, a leitura crítica e a interpretação de dados. Assim, a Cidade de Goiás se revela um verdadeiro laboratório pedagógico interdisciplinar, onde o ensino se torna significativo porque emerge da vida, estimulando a curiosidade, o pensamento crítico e o pertencimento.

Goiás... Não lhe verei com os mesmos olhos. Jamais!

Figura 5 – Grupo de estudo na disciplina de imersão na Cidade de Goiás



Fonte: Autora, 2025.



Referências

AUSUBEL, David P. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Tradução de L. S. Menna Barreto e E. F. Costa. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2003.

FAORO, Raymundo. **Existe um pensamento político brasileiro?** São Paulo: Ática, 1994.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **A escrita sensível e o conhecimento em educação**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 49–62, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhe. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.